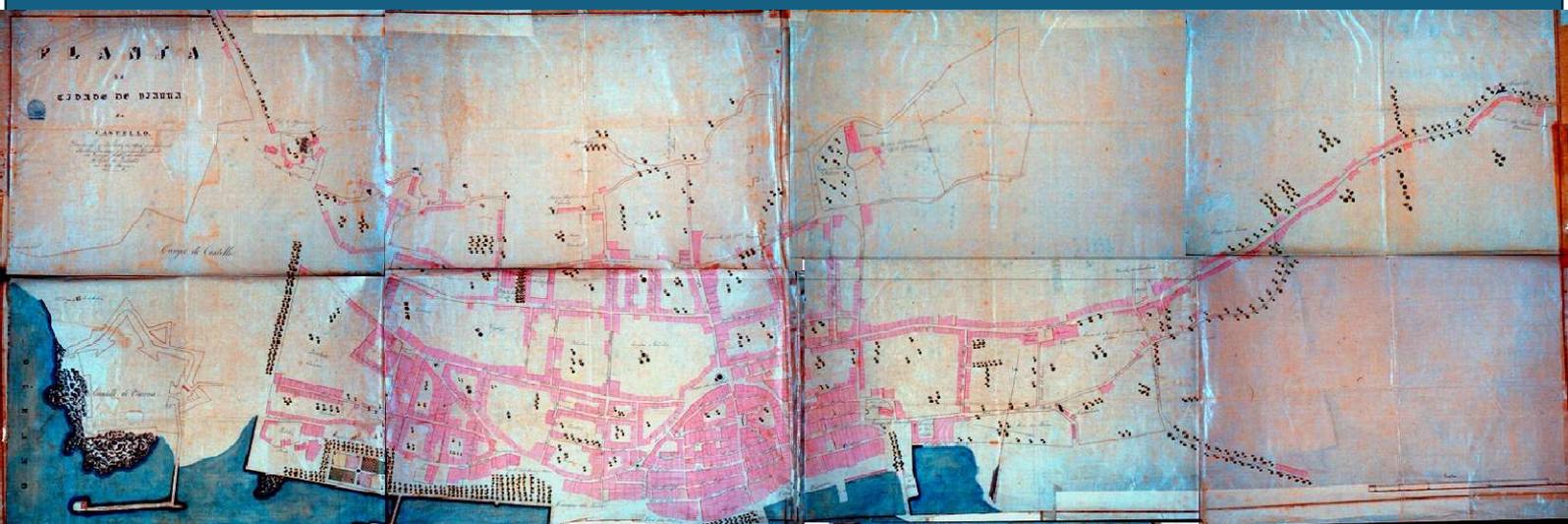


ATAS.

X Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica

5 a 7 + 8 de novembro de 2024

Viana do Castelo



Coordenação

Mário Gonçalves Fernandes

FLUP - 2024

ORGANIZAÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO



APOIOS



Ficha Técnica

Título:

ATAS. X Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica

Coordenador:

Mário Gonçalves Fernandes

Autores

Vários

Edição:

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ano de edição:

2024

Local de edição:

Porto

Suporte:

Eletrónico

ISBN: 978-989-9193-39-0

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-39-0/ata>

Alojado na Biblioteca Digital da FLUP

Imagem da capa:

Planta da Cidade de Vianna do Castello, Desenhada em Nov. de 1855 por Fortunato Anselmo Damazio, Engenheiro Conductor da Direcção Geral das Obras Publicas dos Districtos do Porto, Braga e Vianna, 1:1000 aprox., 250 x 83 cm, Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Cartografia histórica como base para o questionamento sobre territórios, no encontro da arte, ciência e técnica

Vasco Cardoso¹

Mário Gonçalves Fernandes²

Carlos Rodrigues³

¹ Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Avenida Rodrigues de Freitas, 265, 4049-021 Porto, Portugal, e Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Via Panorâmica, s/n 4150-564 Porto, Portugal

² Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n 4150-564 Porto, Portugal

³ Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente e Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Rua Dr. Roberto Frias, s/n, 4200-465 Porto, Portugal

vcardoso@fba.up.pt; mgfernan@letras.up.pt; cmr@fe.up.pt

Resumo

Este texto explora a importância da Cartografia Histórica como suporte científico para a expressão subjetiva e interdisciplinar, destacando trabalhos desenvolvidos na Unidade Curricular de inovação pedagógica "Representações, Desenhos e Imagens do Território" (RDIT) da Universidade do Porto. A RDIT promove abordagens culturais e humanistas para a leitura e representação de territórios, utilizando o desenho com conciliador entre Arte, Ciência e Técnica.

A Cartografia Histórica serviu de base para embriões de possíveis investigações a interseção morfologia urbana, questões sociais, ecológicas e artísticas. Exemplos incluem a análise da expansão urbana de Teresina e Lubango, reflexões sobre segregação social em Maputo e a exploração artística das "ilhas" do Porto, metáforas ecológicas em Verona, e performances sobre memórias coloniais no Porto e Florianópolis. Estes projetos demonstram como a Cartografia seleciona, descreve e explica, posicionando-se, por essa via afim ao Desenho, como ponto de partida para investigações autorais e interdisciplinares.

Os resultados revelam a pertinência de métodos inovadores, como a pesquisa baseada em práticas inter e transdisciplinares, ampliando a compreensão dos territórios e suas dinâmicas históricas e contemporâneas e, ainda, ampliando horizontes interpretativos sobre territórios e identidades. A discussão de resultados enfatiza a importância da Cartografia Histórica enquanto ferramenta de análise espacial e temporal, evidenciando, nestes casos, a relação entre forma urbana, dinâmicas sociais e questões identitárias.

A proposta reforça a importância de interações entre Arte, Ciência e Técnica, pela promoção de novas narrativas para os territórios, através da criação artística ou outras subjetividades. Nesse sentido, pretendeu-se apontar caminhos para possíveis futuras investigações académicas e intervenções artísticas com base na Cartografia Histórica.

Palavras-chave: Cartografia urbana histórica; Desenho; Arte; Ciência; Técnica

Abstract

This text explores the importance of Historical Cartography as a scientific foundation for subjective and interdisciplinary expression, highlighting works developed within the pedagogical innovation course "Territory Representations, its Drawings, and Images" (RDIT) at the University of Porto. RDIT promotes cultural and

humanistic approaches to the interpretation and representation of territories, employing drawing as a bridge linking Art, Science, and Technology.

Historical Cartography served as the basis for exploratory investigations addressing urban morphology, social issues, and ecological and artistic issues. Examples include the analysis of urban expansion in Teresina and Lubango, reflections on social segregation in Maputo, artistic explorations of the "ilhas" of Porto, ecological metaphors in Verona, and performances on colonial memories in Porto and Florianópolis. These projects demonstrate how Cartography selects, describes, and explains, thereby aligning itself with Drawing as a starting point for authorial and interdisciplinary investigations.

The results underline the relevance of innovative methods, such as research grounded in inter- and transdisciplinary practices, broadening the understanding of territories, their historical and contemporary dynamics, and expanding interpretative horizons regarding those territories and their identities. The discussion highlights Historical Cartography as a critical tool for spatial and temporal analysis, particularly in its ability to elucidate the relationships between urban form, social dynamics, and identity issues.

This proposal emphasises the significance of interactions of Art, Science, and Technology in fostering new narratives about territories through artistic creation and other subjective approaches. In this sense, it aims to point towards potential future academic research and artistic interventions rooted in Historical Cartography.

Enquadramento

Ao IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica (SLBCH) foi apresentado um trabalho sobre os temas de Cartografia Histórica em geral e a sua presença nos SLBHC, em particular (Santil et al., 2011). Procuraram identificar os mais importantes temas de estudo da disciplina, para aferir da resposta dada pelos investigadores participantes a cada uma das áreas temáticas dos simpósios e, assim, contribuir para uma reflexão crítica sobre a configuração dessas mesmas áreas. Apesar do estudo ter acontecido em data ainda próxima do primeiro simpósio, para a presente comunicação revela já aspetos importantes que queremos resgatar.

Os autores assinalaram um quadro geral de crescimento do conhecimento em Cartografia Histórica como instrumento importante para diversas disciplinas, por disponibilizar contributos para revisões de conceitos e análises de cenários históricos. Contudo, destacaram a pouca interação entre os diversos núcleos de pesquisa existentes e a dificuldade no estabelecimento de parcerias entre a academia e instituições detentoras de grande parte das fontes primárias.

Nesse quadro, e tendo em conta as áreas temáticas propostas pelos simpósios - cartografia das fronteiras, arquivos e coleções cartográficas, novas tecnologias e outros temas – revelam que a primeira área computou metade do total das comunicações aos três primeiros encontros. Sobre a segunda área mencionada, também pouco representada, referem haver uma necessidade de envolvimento de outros intervenientes. Sobre novas tecnologias – assistidas por computador – revelam que o número de comunicações foi residual, numa altura em que tópicos como a reconstituição gráfica assistida por computador, a cartometria e o estudo de técnicas de representação afirmavam já a sua relevância. Por fim, no campo vasto que são os "Outros temas" mencionam ter havido praticamente 30% das participações. Recolhe-se a ideia que, ainda assim, deveria ser campo mais fértil, uma vez que é o local onde os simpósios se abrem a perspetivas futuras de desenvolvimento.

De facto, olhando para as áreas temáticas do anterior simpósio, o nono, em São Paulo, chegámos a um leque mais amplo e definido:

- Cartografia dos viajantes e de viagens;
- Cartografia das fronteiras e dos limites;
- Cartografia topográfica e militar;
- Cartografia urbana: plantas e projetos;
- Cartografia temática e representações territoriais;
- Cartografia e toponímia histórica;
- Cartografia, arquivos e coleções cartográficas;
- Cartografia histórica: ensino e difusão;
- Cartografia histórica e novas tecnologias;
- Outras áreas temáticas.

Ora, é neste contexto de expansão e afirmação de áreas temáticas dos SLBCH que evocamos, precisamente, de São Paulo, em 2022, uma comunicação – “O som como pincel e tinta: cartografias sonoras da periferia de Maceió” (Feitoza e Silva, 2022, pp. 105-118) – a qual, embora incluída da área temática “Cartografia urbana: plantas e projetos”, entra claramente na linha da expressão artística. Apresentou uma investigação de mestrado sobre as relações entre música, corpo e as periferias de Maceió. Nesse âmbito, criaram mapas que exploram e produzem novas formas de entender os espaços urbanos a partir de vivências urbanas. Acreditando que “os estudos da cartografia histórica são por natureza, interdisciplinares. A (...) Cartografia e outras ciências têm no tema miscelânea o ponto principal de sua integridade, de suas interrelações e de sua ação.” (Santil et al., 2011, pp. 13-14), então propomo-nos a avançar por essa via: apresentar a debate trabalhos académicos que utilizam a Cartografia Histórica como suporte científico para abordagens inter e transdisciplinares, envolvendo Arte, Ciência e Tecnologia.

O princípio estruturante

Com o desenvolvimento do conhecimento científico e técnico e com uma maior disponibilidade de acesso a informação conseguem-se melhores descrições do território e das dinâmicas dos fenómenos que lá ocorrem. Contudo, é também preciso considerar o interesse em desenhar, em dar a ver, em revelar – é uma questão de poder. Neste contexto, se é claro o afastamento entre Arte e Cartografia, pelo abandono da fidelidade visual em favor do crescente avanço científico, já sobre a influência dos poderes, o avanço não parece expressivo.

As soluções para desenhar o que não se conhece, não se consegue ou não se permite sobre territórios aparecem-nos como conjeturas, fantasias ou mentiras. É exemplar a ilustração da *Ilha da Utopia*, por Ambrosius Holbein.

A Cartografia, assim como o Desenho, é seletiva e interpretativa. Tal entronca com o entendimento e a agenda que do/sobre o território tem quem concretiza as suas imagens. É sobre entendimentos e construção de imagens de territórios pelo Desenho em que assenta este texto apresentado ao X SLBCH.

O projeto investigativo transdisciplinar

O projeto que propomos debater pretende reclamar um novo lugar para a Arte na leitura e interpretação sobre territórios. Um lugar na interseção da própria Arte com a Ciência e a Técnica. Trata-se de um projeto pedagógico interdisciplinar de ensino pós-graduado da Universidade do Porto (U.Porto), que trabalha o entendimento subjetivo como plataforma para que a Arte possa ser instrumento facilitador de questionamentos sobre territórios e identidades. Este projeto avança para o sétimo ano de existência. Envolvendo Belas Artes, Geografia e Engenharia, está institucionalmente enquadrado no grupo das designadas Unidades Curriculares *InovPed* (de Inovação Pedagógica), que podem ser escolhidas por qualquer estudante do ensino pós-graduado.

Nesta Unidade Curricular *InovPed*, à qual atribuímos o nome “Representações, Desenhos e Imagens do Território” (RDIT), desenvolvemos este projeto de matriz culturalista e humanista, acolhendo variadas perspetivas. A matriz é reconhecida, pois a Unidade Curricular (UC) tem merecido interesse dos estudantes internacionais.

Com a RDIT pretende-se criar como que um laboratório de estudo acerca dos diferentes e diversos entendimentos sobre território e territórios, através das imagens desenhadas vindas de distintas disciplinas profissionais que trabalham/refletem sobre o tema. Os resultados decorrem de um trabalho de projeto de criação de imagem(ns) sobre as representações de cada um dos estudantes sobre um determinado território, obrigatoriamente com amparo em autores e estudos de referência. Conformam um conjunto de imagens estruturadas pelo desenho e um resumo alargado de suporte à clarificação do processo de trabalho havido. Para tais fins, seguimos o *research-based learning* (Fung, 2017), o que dilui os limites entre sala de aula e centro de investigação. Por outro lado, o método facilita aos estudantes a oportunidade de identificarem e vivenciarem o processo de ensino/aprendizagem/avaliação como processo de investigação, ambicionando ajudar nos futuros trabalhos, como dissertações e provas públicas. No percurso, temos já alcançado diversos resultados, muitos dos quais levámos a debate em alguns encontros académicos. Desta pluralidade de resultados e contributos externos vamos conseguindo caminhos de investigação, percorridos por novos estudantes a cada edição. Propomos trazer a discussão nesta publicação do X SLBCH um desses caminhos.

Centraremos o presente texto nos resultados/questionamentos edificados no âmbito da UC *InovPed* “Representações, Desenhos e Imagens do Território” que têm por base e influência os conhecimentos vindos da Cartografia Histórica. Para suportar a exposição, utilizaremos não só uma abordagem ao processo de pesquisa de cada estudante, mas também os produtos físicos que executou: a(s) referida(s) imagem(ns) síntese e, por vezes, citações vindas dos resumos alargados.

Os exemplos que trazemos, tal como os outros, são trabalhos colaborativos, mas não perdem o perfil autoral de estudantes de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique e Itália. Por vezes, debatem os seus territórios, outras vezes, o Porto a partir do seu olhar estrangeiro. Há ainda trabalhos sobre territórios imaginados/metafóricos. Maioritariamente, as imagens desenhadas produzidas alinham pela cartografia dos temas significativos para cada estudante. Vejamos alguns.

- 1) Mapeando expressivamente os equipamentos urbanos para a infância na cidade de Maputo, o estudante pôde revelar a permanência dos privilégios ainda centrados na cidade colonial e, assim, chegar à cartografia histórica (2018-2019).
- 2) Outro trabalho procurou rever o problema da prostituição feminina no Porto. Suportada por trabalho académico e comparando a cartografia atual com a de 1892, a estudante enfatizou o problema, articulando com as “Constelações” de Picasso (2019-2020).
- 3) Também pela comparação daquela mesma cartografia, o estudante conseguiu identificar e categorizar com agulha, linha e fotografia na planta do Porto as, digamos, cicatrizes das obras públicas de urbanização sobre as malhas urbanas preexistentes (2021-2022).
- 4) No campo das metáforas e sem sair da planta de 1892, a estudante utilizou as “ilhas” – solução de habitação a baixo custo, de iniciativa privada, existente desde a chegada da industrialização no séc. XIX –, e tomando a expressão à letra, desenhou “arquipélagos” de uma cidade fantástica (2021-2022).
- 5) O “Atlas do Imperio do Brazil” de Almeida, C. M. (1868) foi o tema do estudante para o seu mestrado em História da Arte. Na UC, explorou um ramo mais especulativo desse tema. Sobre a cartografia histórica da cidade de Teresina, procurou entender o crescimento urbano através de metáforas retiradas de autores de referência no urbanismo e morfologia urbana (2022-2023).
- 6) Partindo da leitura comparada entre cartografia e iconografia histórica de Verona, a estudante tentou evidenciar a redução do espaço verde. Posteriormente, apoiada no “Manifesto da Terceira Paisagem”, louvou as pequenas ervas que tentam recuperar espaço, clandestinamente (2022-2023).
- 7) Em Florianópolis o estudante mobilizava o seu corpo para homenagear os “tigres” (retratados por Debret) do agora encanado Rio da Bulha. Eram atos que planeava no confronto entre a planta atual e a histórica da cidade. No Porto, conseguiu contextualizar a raiz das suas performances em homenagem às carquejeiras, depois de encontrar, em plantas históricas, afinidades nos ribeiros encanados das Fontainhas (2022-2023).
- 8) A partir da cartografia histórica de Lubango, sudoeste angolano, o estudante estabeleceu 4 períodos de crescimento urbano ligados à história do país. Com essa base, esboçou 4 cidades que Lubango poderia ter sido se a história seguisse por aí. Para ilustrar cada uma, apoiou-se em autores de referência do urbanismo e convocou artistas que homenageiam a cidade (2023-2024).

Discussão de resultados

Procurando organizar e articular esta amostra de embriões de investigações possíveis, que acima apresentámos, importa seguir um nexos que as una transversalmente. Essencialmente e em primeiro plano, os produtos da Cartografia Histórica são atinentes quando o estudante pretende envolver os espaços do passado, sobretudo numa perspetiva de evolução de formas ou de dinâmicas. O trabalho decorrente da participação de um produto cartográfico histórico atenta às espacialidades e simultaneamente às temporalidades – ora, é isso que em primeira linha traz estes trabalhos em comum.

Os temas abraçados pelos estudantes têm sido, essencialmente, retomados e voltados a tomar, ampliando revelações e pontos de vista. Embora estejamos abertos a qualquer proposta de desenvolvimento de imagens realizadas pelo desenho sobre os territórios e identidades, de facto, já vamos conseguindo ter alguns ramos mais robustos em exploração. Naturalmente, também quando se pensa na Cartografia Histórica na base conceptual ou metodológica de trabalho, encontramos ramos como aqueles acima mencionados. Assim, para este texto, conseguimos agrupar trabalhos sobre questões da Morfologia Urbana e do Urbanismo, questões sociais e identitárias, questões ecológicas e questões artísticas e performativas.

Organizando os 8 trabalhos, por um lado, segundo as questões de forma urbana e, por outro lado, atendendo às dinâmicas sociais suportadas pela dita forma urbana, e terminando com as perspetivas pessoais e performativas e artísticas, então a proposta de ordenação seria: 5), 8), 3), 4), 6), 2), 1) e 7).

Mas, claramente, o(s) produto(s) da Cartografia Histórica, guia(s) destes trabalhos, deverá(ão) ser a variável principal a estruturar a discussão neste texto, mesmo que em compromisso com outras possibilidades de ordenação também válidas. Como tal, o caminho de debate procurará responder à principal variável, mas em consideração pela outra proposta atrás descrita. Assim, partiríamos dos trabalhos sobre análise da Morfologia Urbana, ou exploração da morfogénese urbana de Teresina e Lubango. Passaríamos para os trabalhos que cruzam as problemáticas da forma urbana com Ecologia, nomeadamente, com o caso de Verona. Seguidamente, intersetando a forma urbana e as dinâmicas sociais, proporíamos o trabalho de Maputo. Antes de se repetir a lógica no caso do Porto, em que o produto cartográfico foi o mesmo para três trabalhos, seguiríamos para a questão de performance artística evocativa de questões humanistas e sociais, referimo-nos ao trabalho com Florianópolis. Então, já no Porto, invertendo a anterior ordenação, far-lhe-íamos ligação pelas questões de género, do trabalho sobre a prostituição, e continuaríamos para a metáfora criada a partir das “ilhas” do Porto, terminando numa questão surgida do estudo da forma urbana do Porto, nomeadamente aquilo a que o geógrafo português José Manuel Pereira de Oliveira chamava, em 1973, de “aleijões”. Ou seja, a proposta de apresentação dos trabalhos será então: 5), 8), 6), 1), 7), 2), 4) e 3).

“A cidade através de metáforas: abordagens teóricas e experiências do espaço urbano teresinense”, de Erysson Faustino de Oliveira (2022-2023)

O estudante com sólida formação em urbanismo, trabalhava o “Atlas do Imperio do Brazil” de Almeida, C. M. (1868) no seu mestrado em História da Arte, na U.Porto, e tinha bem presente, e em trabalho, os mapas da publicação, nomeadamente o Mapa VI - “Provincia do Piauhy” (Figura 1). Nesse mapa consta a planta de Teresina, portanto de data bem próxima à da sua fundação. Teresina foi uma capital de *Província* criada de raiz durante o período do império, no Brasil. Como referem Guerra & Santos, 2011, as Províncias do Império do Brasil foram definidas na continuidade das Capitánias Reais – veja-se o mapa “Mappa Geografico da Capitania do Piauhy”, de Henrique Antonio Galucio (1760) (Figura 2) –, sendo um dos objetivos do atlas a defesa de “uma proposta para a

determinação dos limites de maneira a obter uma divisão mais harmoniosa do território brasileiro.”¹⁰⁴ Temos, portanto, nesta fase, um Brasil que se reorganizava-se territorialmente.

Enquadrado o trabalho, a disponibilidade de cartografia histórica e conhecimento prévio do modo de crescimento urbano de Teresina permitiram a estudante propor-se a fazer quatro leituras sobre o processo de expansão e organização da forma da cidade. São leituras apoiadas em quatro metáforas muito utilizadas na morfologia urbana e serviram para desafiar futuras leituras subjetivas e especulativas sobre a forma da cidade.

O trabalho sugeriu uma análise sobre a organização e expansão urbana de Teresina através das metáforas: palimpsesto, patchwork, puzzle e mosaico. Deste modo, enfatizou as dinâmicas da constituição e organização da diversidade daquele tecido urbano em particular, o qual, ao longo do tempo, foi lugar de sobreposições e encontros, mais do que ruturas.

O recurso expressivo ao patchwork foi utilizado para reconhecer a Teresina como num conjunto diversificado de áreas singulares. Embora, cada parte do tecido se caracterize pelas suas próprias culturas e formas, propôs que se olhe para como se ajustam as partes para que constituam um todo. Seguindo Jane Jacobs e Rem Koolhaas, relevou o valor da pluralidade no desenvolvimento das cidades, sublinhando as singularidades de cada área (Figura 3).

A metáfora do puzzle foi proposta pelo estudante a partir de autores como Michael Sorkin, Stephen Marshall, Franco La Cecla e Richard Sennett. Esta abordagem voltou o foco para a ligação entre as partes da cidade ao longo do tempo, para o modo como as peças do puzzle que se encaixam quando se quer conseguir o conjunto coeso. A ideia realça a dinâmica da interdependência entre áreas e entre componentes da cidade, relação primordial para o bom funcionamento do conjunto (Figura 4).

A referência a mosaico, Manuel Castells, Marc Augé, é retirada da observação do crescimento urbano regulado pelos loteamentos que vão sendo ocupados por construção, assim criando padrões estéticos e geométricos (Figura 5).

O palimpsesto, como meio expressivo para a leitura de Teresina, advém de um olhar para os locais da cidade onde tem havido uma constante transformação, onde há camadas de história e de cultura sobrepostas, embora deixando ver vestígios das fases anteriores. O estudante filiou-se em autores como Ítalo Calvino, Kevin Lynch, Michel de Certeau, David Harvey, para destacar a dinâmica temporal da forma urbana, em que a deposição e sedimentação das memórias contribui de decisivamente na formação da identidade da cidade (Figura 6).

Sendo as cidades espaços complexos e em constante mudança e espaços plurais de coexistência, as metáforas propostas pelo estudante no ensaio em Teresina ambicionam esboçar possíveis quadros de análise disponíveis à experiência em outras cidades, revelando outros conhecimentos além dos que advém da ciência.

¹⁰⁴ Guerra & Santos, 2011.

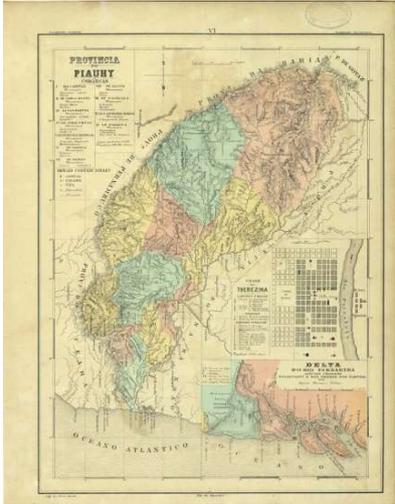


Figura 1 – Província do Piauí, mapa VI in Atlas do Império do Brasil, 1868.
 Fonte: Almeida, C.M. (1868). Atlas do Império do Brasil compreendendo as respectivas divisões Administrativas, ecclesiasticas, Eleitoraes e Judiciárias. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico.
 [Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179473>].

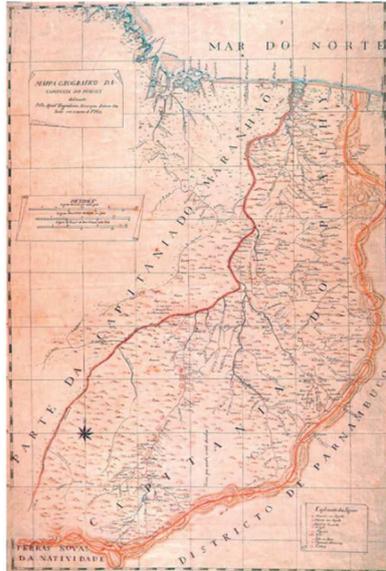


Figura 2 – Mappa Geografico da Capitania do Piauí, por Henrique Antonio Galucio, 1760.
 Fonte: Santos, Affonso J. (org.) (2022). História do Brasil nos velhos mapas: anexos / Jaime Cortesão (Bicentenário: Brasil 200 anos – 1822-2022). Brasília: FUNAG, p. 77, fig. 57. ISBN 978-85-7631-844-6.

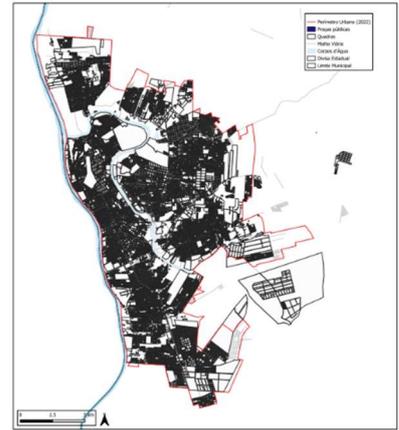


Figura 3 – Patchwork. Erysson Oliveira, 2023.
 Fonte: Erysson Oliveira.

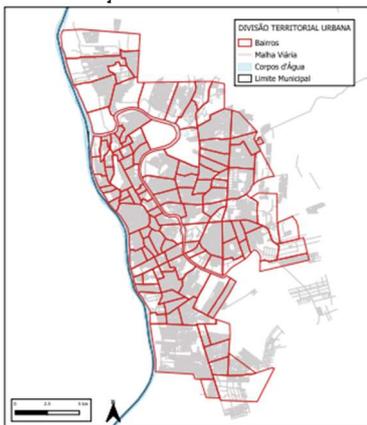


Figura 4 – Puzzle (fragmento) Erysson Oliveira, 2023.
 Fonte: Erysson Oliveira.

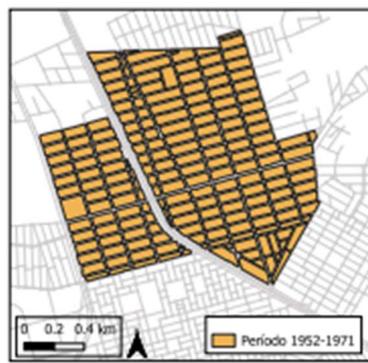


Figura 5 – Mosaico (fragmento) Erysson Oliveira, 2023.
 Fonte: Erysson Oliveira.

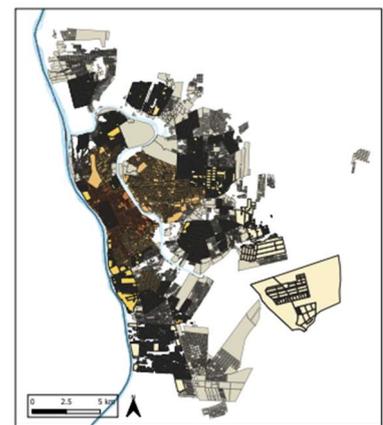


Figura 6 – Palimpsesto (fragmento) Erysson Oliveira, 2023.
 Fonte: Erysson Oliveira.

“A influência da cultura no território: o caminhar no Lubango”, de Daniel João (2023-2024)

O estudante tem experiência profissional em arquitetura e urbanismo em Angola e procurou na RDIT uma abordagem ao território complementar às que tem praticado e, mais recentemente, estudado no seu Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano da U.Porto. Tem-se dedicado ao Sudoeste angolano e ao planeamento urbano no seu país. O trabalho que desenvolveu sustentou-se no processo histórico de formação e evolução territorial da cidade do Lubango, apontando a quatro etapas específicas. 1) A cidade foi um assentamento planeado de raiz no planalto de Humpata, na Huíla, terras ricas, de excelentes condições físicas e climatéricas, a cerca de 200km do porto de Moçâmedes, depois de atravessado o deserto do Namibe. Foi um assentamento que seguiu uma malha

reticulada como se pode ver na conjectura de Azevedo (2014, p. 204) (Figura 7), tendo sido instituído formalmente em 1885. Guiada pelos parâmetros da sua formação a cidade foi gradualmente crescendo e ganhando importância. 2) Mais tarde, em meados do século passado, nestas terras da etnia Bantu, habitadas pelo povo Nhaneca-Humbe, o Estado Novo português, empreendeu a elaboração de planos de urbanização de matriz europeia para reger o crescimento da cidade, como o fez por todos os territórios que governava. A retícula inicial esteve na base do plano de João de António Aguiar (1947-49) (Figura 8), ficando a ocupação e reocupação dos quarteirões para ir sendo concretizada. 3) Durante a guerra civil, após a independência do país, a malha do musseque e os padrões Nhaneca-Humbe de ocupação do espaço foram-se aproximando e penetrando da/na cidade existente (Figura 9), pois as pessoas procuravam alguma segurança nas cidades, fugindo da guerra. 4) Com a paz e até aos dias de hoje tem havido a possibilidade do retomar das práticas de planeamento, as quais, naturalmente, indagam formas de lidar humanamente com o quadro morfológico presente. Estes quatro períodos foram apontados pelo estudante para que, com este conhecimento, pudesse partir à descoberta de instrumentos de outras dimensões, além da científica, semeadores de novas hipóteses de abordagem aos planeamento e gestão urbana do Lubango.

Com a obra artística de André Malenga o estudante evocou os quatro momentos de Lubango, questionando o seu peso na definição da imagem atual da cidade (Figura 10)

Da morfologia e organização espacial dos assentamentos bantu, fortemente ligados à natureza, o estudante utilizou o ato de caminhar como o esteio de uma das referidas possíveis dimensões que podem ancorar propostas de planeamento urbano no sublinhar da identidade de Lubango.

Com a música "Lalipo Lubango" de Waldemar Bastos em fundo, o estudante chamou atenção para a integração de espaços verdes na vida das pessoas, potenciada pelo ato de caminhar.

A instalação dos musseques, após a independência, em primeiro momento nas periferias, depois na malha colonial, implicou a continuidade da utilização da caminhada como meio de deslocação, ligação e compreensão relativamente ao território e ao verde. Deste modo, face à interpenetração que hoje existe entre malha reticulada e o padrão de musseque, é legítimo tomar o ato de caminhar como mote de futuras propostas de planeamento urbano. Consequentemente, o estudante esboçou quatro propostas para Lubango, utilizando para amostra e ensaio um quarteirão de traçado colonial (Figuras 11 e 12). O caminhar e o verde foram considerados como elementos essenciais na formação do território, pois destacam a centralidade das pessoas e o planeamento urbano inclusivo e sustentável. Para esta proposta, foram importantes os contributos de Jacobs (1961) e Gehl (2010), para chegar às propostas de "acupuntura urbana", conceito defendido por Lerner (2003).

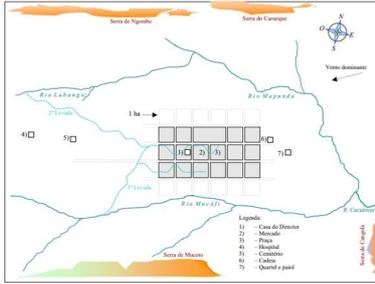


Figura 7 – Esquema de implantação cidadela de Lubango em 1885. Fonte: Azevedo, J.M. (2024). A Colonização do Sudoeste Angolano - Do deserto do Namibe ao planalto da Huila 1849-1900 [Tese de Doutoramento - Fundamentos de la Investigación Histórica]. Salamanca: Facultad de Geografía e Historia Universidad de Salamanca. (p. 204, fig. 6).

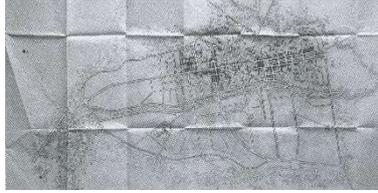


Figura 8 – “Plano Geral de Urbanização de Sã-da-Bandeira, (...) João de Antônio Aguiar, 1947/49”. Fonte: M.M. (2012). Urbanismo e Arquitectura em Angola: de Norton de Matos à Revolução. Lisboa: Caleidoscópico e FAUTL, p. 189, fig. 125 do cap. 4. ISBN: 978-989-658-169-5. [Original Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, (AHU)].



Figura 9 – Esquema de ocupação – Musseque. Fonte: M.M. (2012). Urbanismo e Arquitectura em Angola: de Norton de Matos à Revolução. Lisboa: Caleidoscópico e FAUTL, p. 249. ISBN: 978-989-658-169-5. [Original Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, (AHU)]



Figura 10 – A da cidade do Lubango representando os quatro períodos da cidade, de André Malenga (2024). Fonte: Resumo alargado - Daniel João.



Figura 11 – Excertos de mapas da cidade do Lubango, 1, Desenhos de Daniel João, sobre imagem Google Earth, 2024. Fonte: Daniel João.

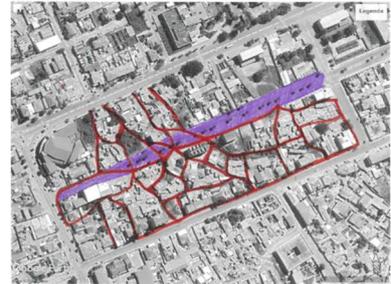


Figura 12 – Excertos de mapas da cidade do Lubango, 2. Desenhos de Daniel João, sobre imagem Google Earth, 2024. Fonte: Daniel João.

“Roots 0.2-0.4 MPa”, de Marta Marino (2022-2023)

A estudante do Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano da U.Porto passou revista à evolução e expansão da cidade de Verona, fazendo comparações de iconografias (Figuras 13-16) ao longo dos séculos (nomeadamente: Iconografia Rateriana de Verona, séc. X; Vista de Verona, pintura por Paolo Ligozzi, 1620/30; Vista de Verona, pintura por Matthäus Merian, 1640; Vista de Verona, aguarela por Franz Hogenberg, finais do séc.XVII; Vista de Verona, água-forte de Max Abraham Rupprech, meados do séc. XVIII) e imagens atuais do Google Earth. Daí, destacou uma mudança drástica no equilíbrio entre áreas verdes e construções; como os espaços naturais foram progressivamente ocupados pela urbanização. De facto, tal é uma recorrência em diversas cidades, onde a natureza, antes predominante, foi progressivamente reduzida à medida que os centros urbanos se expandiram. Na sua análise, utilizou um breve ensaio do filósofo italiano Umberto Galimberti (2006) para refletir sobre como as cidades, originalmente projetadas para proteger os seres humanos da natureza, se transformaram em locais que

agora sufocam a biodiversidade. Locais onde, segundo a estudante, ficará a dúvida de quem precisará de proteção os seres humanos ou a própria natureza?

Posteriormente, apoiada no “Manifeste du Tiers Paysage” (Gilles Clément, 2004), a estudante louvou as pequenas ervas que tentam recuperar espaço urbano, clandestinamente. A expansão urbana ignorou a importância de pequenas formas de vida que desempenham uma função fundamental na manutenção da biodiversidade, por exemplo, as ervas daninhas.

Para expressar as suas preocupações, a estudante utilizou os valores da pressão de turgescência nas plantas (Thorsten & Fricke, 2010) – força que permite a sobrevivência em ambientes adversos e que permite a espécies vegetais encontrar fissuras no solo impermeável da cidade por onde possam crescer. A biodiversidade urbana, muitas vezes negligenciada, encontra refúgio em espaços urbanos esquecidos ou abandonados, sendo esses locais fundamentais para a preservação de diversas espécies vegetais. Na sequência evocou um levantamento sistemático e científico para simular localizar, numa vista atual da cidade, onde se encontrariam alguns desses espécimes resistentes (Figura 17). O estudo concluiu reconhecendo o valor dessas espécies e apontando a consideração de espaço para que prosperem é um ato de gentileza condutor a uma coexistência mais equilibrada entre o ambiente edificado e o natural.



Figura 13 – *Civitas Veronensis Depicta*, do Bispo Raterio de Verona, séc. X, cópia de Scipione Maffei, séc. XVIII.
Fonte:
<https://app.fta.art/artwork/290e5a3fb878db028d58d2850327ecb01ef120cf>



Figura 14 – Vista de Verona, pintura por Paolo Ligozzi, 1620/30.
Fonte:
<https://www.raremaps.com/gallery/detail/33453/verona-citta-celeberima-ligozzi?q=0>



Figura 15 – Vista de Verona, pintura por Matthäus Merian, 1640.
Fonte: <https://www.raremaps.com/gallery/detail/86476/verona-merian>



Figura 16 – Vista de Verona, aguarela por Franz Hogenberg, finais do séc.XVII.
Fonte:
<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Franz-Hogenberg/1005438/Verona,-It%C3%A1lia.html>

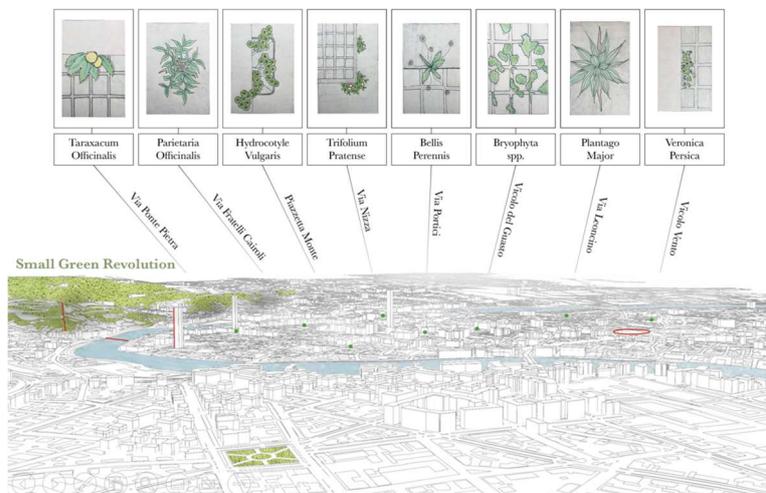


Figura 17 – Small Green Revolution. Marta Merino, 2023. Fonte: Marta Merino.

“Representação temática e expressiva do espaço urbano da cidade de Maputo”, de Titos Moisés Pelembe (2018-2019) – acervo FBAUP¹⁰⁵

O escultor e estudante do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público da U.Porto pretendeu explorar a Cartografia Temática, para perceber a distribuição dos equipamentos urbanos destinados à infância na cidade de Maputo. Buscou demonstrar desigualdades e segregação social em Maputo e gerar uma reflexão crítica sobre esses fenómenos. Para tal, desafiou-se a criar representações artísticas baseadas em mapas temáticos.

Começando pelo estudo da Cartografia Histórica da cidade (Figuras 18 e 19) e apoiado também em dados do Instituto Nacional de Estatística moçambicano, percebeu e expressou artisticamente, sobre os mapas por si executados, que o centro histórico de origem colonial é ainda o local dos privilegiados.

Para melhor compreender estes fenómenos recorreu a Corrêa (1989) e à sua explicação sobre o modelo de Hoyt, relativamente aos padrões de ocupação espacial e à segregação espacial, considerando-o clarificador do caso de Maputo. Pela análise estatística e dos mapas temáticos, verificou que as populações mais endinheiradas assentavam no centro histórico da cidade e a população de baixo rendimento vivia em zonas de pior acesso a serviços urbanos. A análise demográfica e a os fluxos migratórios em direção à cidade revelam com clareza a marginalização de grupos vulneráveis.

Se do ponto de vista da ciência o mapa temático tem a função de tornar visível e comunicar de modo sintético a distribuição de fenómenos, transformações e dinâmicas, a interseção entre cartografia e arte contemporânea – veja-se *Despliegues de la piel*, de Juan José Gómez Molina (2007)¹⁰⁶ – pode potenciar o valor comunicativo dos mapas, tornando mais assertiva a mensagem denunciadora. Um dos caminhos dessa interseção passou pelo uso de estratégias cartográficas na criação artística, tendo levado aos resultados em apreço (Figuras 20-22).

Com este trabalho, o autor avançou com novos olhares questionadores da ocupação do espaço urbano, assinalando a segregação social existente (Figura 23).

¹⁰⁵ Trabalho publicado em Cardoso, V., Fernandes, M.G. e Rodrigues, C (Eds.) (2021, pp. 112-115).

¹⁰⁶ In Gelabert *et al.*, 2015.

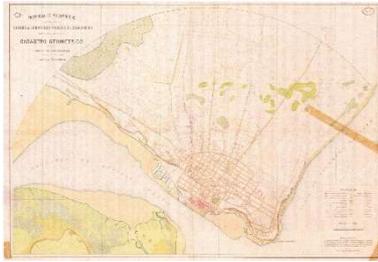


Figura 18 – “Planta da Cidade de Lourenço Marques e subúrbios (pormenor do limite urbano e expansão/integração da Polana e parte da Ponta Vermelha) (1912)”.
Fonte: Mendes, Rui Paes (2011). A cidade colonial e a estruturação do território em Moçambique: a evolução urbana de Lourenço Marques/Maputo, Beira, Nampula e Porto Amélia/Pemba. s. n. Print. Tese de Doutoramento. Porto: FLUP, p. 247, fig. 6.27. Original disponível na Biblioteca Digital do Instituto de Investigação Científica e Tropical.

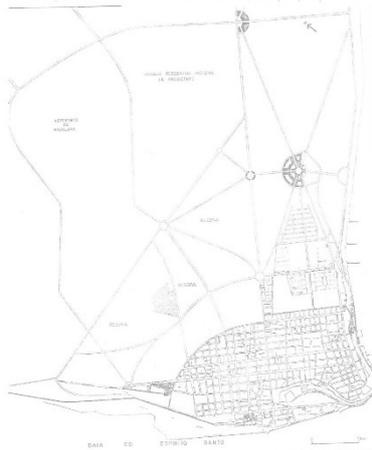


Figura 19 – “Plano Geral de Urbanização de Lourenço Marques (1952)”.
Fonte: Mendes, Rui Paes (2011). A cidade colonial e a estruturação do território em Moçambique: a evolução urbana de Lourenço Marques/Maputo, Beira, Nampula e Porto Amélia/Pemba. s. n. Print. Tese de Doutoramento. Porto: FLUP, p. 261, fig. 6.41. Original em Mendes, Maria Clara (1985, p.97).

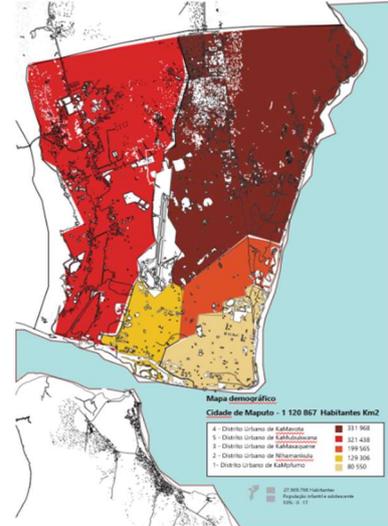


Figura 20 – “Mapa demográfico, cidade de Maputo”, Titos Pelembe, 2019.
Fonte: Acervo FBAUP.

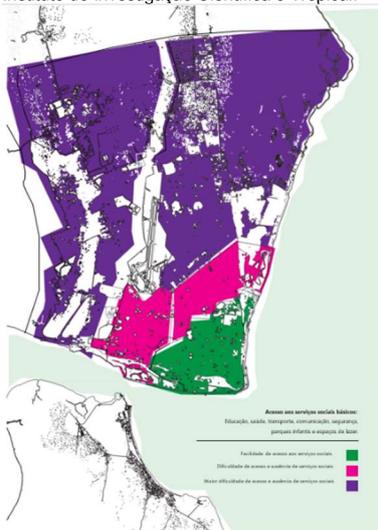


Figura 21 – “Acesso aos serviços sociais básicos”, Titos Pelembe, 2019.
Fonte: Acervo FBAUP.

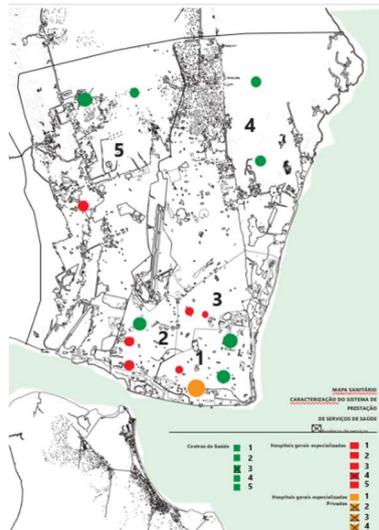


Figura 22 – “Mapa sanitário”, Titos Pelembe, 2019.
Fonte: Acervo FBAUP.



Figura 23 – “Imagem síntese”, Titos Pelembe, 2019.
Fonte: Acervo FBAUP.

“O que você vê quando me vê? - Corpografar rios (In)visíveis através da aparição de Tuca Malungo no Porto”, de Rafael Alves Campos (2022-2023)

O estudante do Programa Doutoral em Educação Artística da U.Porto tem desenvolvido estudos sob um prisma atento a temas decoloniais e a temas sobre identidades, abordando o corpo com instrumento e sujeito da criação de atividades performativas de resistência, de ação política, na sua relação simbiótica com o espaço público urbano. São atividades geradoras de produtos cartográficos de raiz artística, entre outros, que visam contribuir

para o pretendido retomar de temas calados, apagados, e ressignificá-los e resistir. Assim, encontrou-se a utilizar um conceito, *corporografia*, que identificou em Britto & Jacques (2008) e Freire (2019). A performance e os mapas que executou no âmbito da RDIT, no Porto, resultam de um processo de aprendizagem feito ao longo do semestre sobre como aplicar a outras cidades o que explorara em Florianópolis.

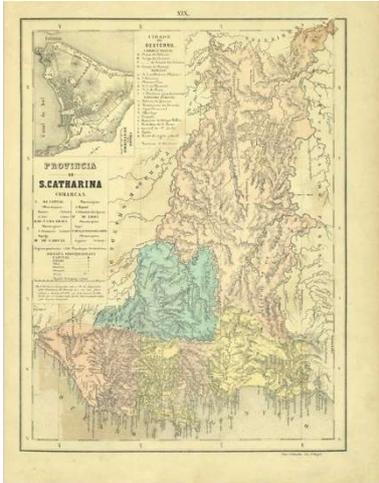


Figura 24 – “Província de S. Catharina”, mapa XIX in Atlas do Império do Brazil, 1868
Fonte: Almeida, C.M. (1868). Atlas do Império do Brazil compreendendo as respectivas divisões Administrativas, ecclesiasticas, Eleitoraes e Judiciárias. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico. [Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/179473>].



Figura 25 – “Planta da zona entre a Capela de Santo André e a Rua do Senhor do Bonfim, mostrando a arca de água junto à Ponte das Patas, o traçado do aqueduto que dá parte para a cerca do Convento de Santo António, Campo de São Lázaro e fonte, e o novo traçado proposto, por Teodoro de Sousa Maldonado”, 1795.
Fonte: CM Porto, AH-AMP: PT-CMP-AM/PUB/CMPRT/OM/1698/023.



Figura 26 – O tigre “Tuca Malungo” (a partir de Debret, 1820-30), Rafael Alves Campos, 2023.
Fonte: Rafael Alves Campos.



Figura 27 – Registos de performance, Rafael Alves Campos, 2023.
Fonte: Rafael Alves Campos.

Ora, os produtos da Cartografia Histórica que o estudante tomou para estruturar a sua performance, identificando pontos de semelhança entre o Rio da Bulha, em Florianópolis e o aqueduto que sai do Poço das Patas, no Porto, foram: “Província de S. Catharina”, mapa XIX, in Atlas do Império do Brazil, 1868 (Figura 24) e “...a arca de água junto à Ponte das Patas, o traçado do aqueduto que dá parte para a cerca do Convento de Santo António, Campo de São Lázaro e fonte, e o novo traçado proposto,...”, 1795 (Figura 25). Nestas peças pôde identificar os territórios das pessoas escravizadas ao longo do Rio da Bulha, e das mulheres subjugadas do Porto industrial do séc. XIX, nas Fontainhas. Tal como fizera em Florianópolis para o presentemente encanado Rio da Bulha (Campos &

Santos, 2021), desenhou um mapa do que chamou o “rio invisível das carquejeiras”, no Porto. Para ativar os espaços e, como referiu no seu resumo alargado, “produzir políticas de existência e cura”, “liberando o corpo ancestral das marcas da branquitude”, ou seja, opressão, invocou uma *aparição* – outro conceito por si tratado, referindo Caridade, 2021 – de Tuca Malungo. Esta entidade é uma personificação de um “tigre”, pessoa escravizada, negra, com máscara branca ocultando a cara, e que carregava os dejetos da população livre de Florianópolis para o rio. As marcas da amónia que lhe escorria pelo corpo, corroía-lhe a pele negra de riscas brancas e, daí, o nome.

No Porto, nas Fontainhas e imediações Tuca Malungo libertou as Carquejeiras, as lavadeiras e as mulheres que, além de mães e cônjuges, eram ainda operárias à peça dentro das suas exíguas e insalubres casas alinhadas nos estreitos logradouros do Porto. Tuca Malungo fez uso de evocações interpretativas de rituais relacionados com crenças de matriz africana, como o canto do Ponto de Oxum e a distribuição de lírios – a flor de Oxum –, para sensibilizar para a espiritualidade e a reconexão com o ancestral. Estes elementos foram utilizados como forma de purificação e ressignificação do território e do próprio corpo, permitindo a criação de um diálogo entre passados de opressão de corpos e futuros de cura e resistência (Figuras 26 e 27).

Foi, portanto, o estudo de dois produtos da Cartografia Histórica que permitiu a aplicação de uma prática artística noutra território; uma prática artística que questionou as estruturas coloniais, raciais e de género presentes no espaço público e permitiu a criação de novas narrativas ao ocupar e ressignificar lugares historicamente marcados por opressão ou apagamento cultural.

“Disputa: o corpo *citified* e a cidade corporizada”, de Margarida Silvestre (2019-2020)

A estudante do Mestrado Integrado em Arquitetura da U.Porto interessou-se pelo fenómeno da prostituição feminina na cidade do Porto, percebendo a sua distribuição espacial no território da cidade, de modo a recolher a persistência desta atividade em certos espaços. Este trabalho bosquejou uma análise da cidade a partir da sua relação com o corpo feminino estigmatizado pela prostituição, levantando questões sobre como corpo e território se moldam mutuamente, sob o estudo que fez de “Bodies-Cities”, de Elizabeth Grosz (1992). O objetivo foi evidenciar os territórios marginalizados, muitas vezes invisibilizados, procurando compreender os impactos sociais e históricos que os influenciaram. Nesse sentido, a palavra “disputa” foi estruturante no trabalho, entendida como um confronto de interesses e narrativas.

Para tal, a Cartografia Histórica forneceu produto central: “Carta Topographica da Cidade do Porto - Dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira”, 1892 (Figura 28). Comparando essa carta com as plantas atuais, pôde perceber um esboço da inter-relação das dinâmicas da evolução e organização do espaço urbano e da distribuição da prostituição feminina na cidade. Por outro lado, para orientar o seu entendimento, reviu os “Código Administrativo”, 1836, o “Regulamento Policial e Sanitário para Obviar os Males Causados à Moral e à Saúde pela Prostituição Pública”, Lisboa, 1938, e apoiou-se na dissertação de Mestrado “O mundo da prostituição de rua: trajectórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico” de Alexandra Oliveira (2004), assim como o livro de Jorge Vieira (1892), “A prostituição no Porto”. Estas bases mais factuais facilitaram a criação de mapas temáticos

reveladores dos lugares da estigmatização e das *constelações* de relações sociais e territoriais que atravessam a cidade.

Repegando imagens da prostituição em Paris, na viragem do séc. XIX para o XX, de fotógrafos como Eugène Atget (1857-1927) e Brassai (1899-1984), assim como pela especulação gráfica executada em caderno de projeto, em paralelo, a estudante foi descobrindo o contributo que as primeiras e as *Constellation Drawings*, de Pablo Picasso (1924) poderiam dar para a configuração da imagem de síntese deste trabalho (Figura 29). Serviram de mote e guia para representar de forma abstrata os territórios de prostituição e outras zonas de confronto urbano, utilizando pontos e linhas evocativas de mapas.

Este trabalho não pretendeu denunciar, mas antes questionar e debater as dinâmicas territoriais e sociais envolvidas na prostituição feminina, enquanto processo contínuo de estigmatização, exclusão e *invisibilização*.

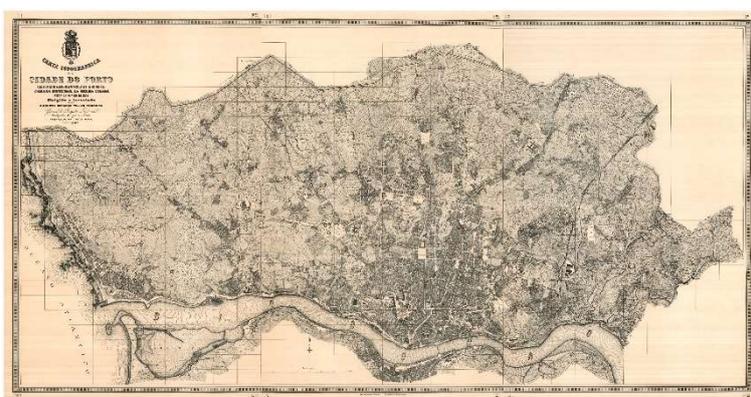


Figura 28 – “Carta Topographica da Cidade do Porto - Dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira”, 1892.
Fonte: CM Porto AH-AMP.



Figura 29 – Imagem síntese, Margarida Silvestre, 2020.
Fonte: Margarida Silvestre.

“Atlas do Arquipélago do Porto”, de Bárbara João Costa (2021-2022)

A Engenheira Civil que concluiu a RDIT como curso de Formação Contínua, também utilizou para base de trabalho o produto de Cartografia Histórico “Carta Topographica da Cidade do Porto - Dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira”, 1892, pois é documento fundamental para estudar o que pretendia, as “ilhas” – o Porto, em processo de industrialização no séc. XIX, atraiu muitas pessoas vindas dos territórios rurais, muito pobres; as “ilhas” foram a solução de oferta de habitação a baixo custo, oferta da iniciativa privada que recolher a maior parte da procura; essencialmente, no logradouro do lote estreito do Porto alinhavam-se construções muito simples, em pedra, realizadas à medida dos rendimentos do arrendador, e onde se instalavam famílias de migrantes¹⁰⁷.

Com este trabalho a estudante pretendeu olhar e valorizar os territórios das “ilhas” associados à pobreza e degradação, e assim criar um atlas especulativo que revele existência no tecido urbano dessa forma. Quis evidenciar uma metáfora de insularidade, dada pela própria etimologia, retirando as “ilhas” no mapa da cidade e

¹⁰⁷ A este propósito, relembra-se Teixeira, Manuel C. (2018). Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As Ilhas do Porto. Porto: Edições Afrontamento. ISBN: 978-972-36-1681-1

formando como que um arquipélago escondido. Deambular – navegar sem Norte – pelas “ilhas” foi o estímulo às emoções que a estudante se desafiou a promover, em linha com uma abordagem *psicogeográfica* inspirada na teoria da deriva do situacionista Guy Debord, Careri F. (2002).

Guiada pela Carta de Telles Ferreira e a planta atual da cidade, a estudante assinalou as “ilhas” recentemente levantadas por Breda Vázquez, *et al.* (2014). Das 957 “ilhas” no Porto, habitadas por cerca de 10.400 pessoas em 2014, tomou uma amostra para este trabalho. Encontradas as escalas de representação adequadas, optou por três escalas diferentes, cada uma abordando um aspeto distinto do *arquipélago* das “ilhas”. A partir daí empregou neste trabalho diferentes técnicas artísticas para explorar diferentes formas gráficas de ocultar e revelar as “ilhas”, remetendo para a linguagem estética de mapas antigos (Figuras 30-32), sempre com uma leitura diacrónica do fenómeno, permitida pela base na Cartografia Histórica.

Com este trabalho, a estudante pretendeu apresentar uma hipótese, do que argumenta serem diversas hipóteses, de promover inúmeras interpretações sobre diferentes elementos da Morfologia Urbana identitários do Porto. Dai poderão ser lançados roteiros reflexivos, estéticos, geográficos, históricos, turísticos e/ou temáticos, potenciando novas narrativas, especialmente para as áreas marginalizadas da cidade.



Figura 30 – Imagem síntese 1, Bárbara João Costa, 2022.
Fonte: Bárbara João Costa.



Figura 31 – Imagem síntese 2, Bárbara João Costa, 2022.
Fonte: Bárbara João Costa.



Figura 32 – Imagem síntese 3, Bárbara João Costa, 2022.
Fonte: Bárbara João Costa.

“Cartografia de descontinuidades na malha urbana do Porto”, de Afonso Oliveira (2021-2022)

O trabalho que agora se aborda foi realizado por um Arquiteto que concluiu a RDIT como curso de Formação Contínua. O trabalho pensa sobre os espaços e formas que resultam de plano e obras de urbanização que, na sua concretização, pelo contexto e pelos mais variados constrangimentos, não articularam convenientemente formas e espaços existentes e propostos, pelas mais variadas razões – algo dentro do que J. M. P. OLIVEIRA (2007, 1.ª Ed. 1973, pp. 345-346) chamara “aleijões”. Serão como que marcas sobrantas no espaço urbano restantes de intervenções passadas. Para este fim, foi importante conhecer um pouco da morfogénese de algumas dessas formas e espaços. Assim, foi importante a utilização de produtos da Cartografia Histórica, para poder ler a evolução do espaço ao longo do tempo. Este estudante utilizou, também, a “Carta Topographica da Cidade do Porto - Dirigida e levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira”, de 1892.

A atenção foi dirigida aos *aleijões* no interior da área já urbanizada da cidade no final do séc. XIX. O objetivo principal foi especular soluções plásticas do foro da arte e da arquitetura, já experimentadas noutros países, que

pu­dessem configurar desafios para a intervenção em espaço público a apresentar ao poder autárquico. Depois de um levantamento das situações, feito no terreno e por comparação com a carta de Telles Ferreira, o estudante fez um mapeamento dos casos recolhidos, tendo-os agrupado em cinco categorias: muros de suporte de terras (109 situações), afloramentos rochosos sobran­tes (32), estruturas viárias (5), ruínas por demolir (17) e saliências na face de uma rua ou praça (64 exemplos). Levantados os exemplos, o estudante mapeou-os, assim como os seus percursos pela cidade, utilizando técnicas livres para executar esses registos (Figuras 33-35). Depois, por comparação de plantas, procurou encontrar um nexo entre cada um dos exemplares, com base no conhecimento da evolução da forma da cidade desde o registado na carta de 1892.

Paralelamente, o estudante foi pesquisando exemplos de intervenção artística e/ou arquitetónica neste tipo de situações. Fê-lo na esteira das Acupunturas Urbanas e tendo em mente os ensinamentos de Gordon Cullen (1961). Foi uma pesquisa que influenciou a busca na cidade pelos *aleijões* e, por outro lado, estes últimos, à medida que iam sendo localizados e catalogados, também ajudavam a selecionar os exemplos de intervenção que poderia propor. O método conduziu à eleição de duas propostas: os Pocket Gardens e galerias de arte ao ar livre. Os Pocket Gardens, como o Paley Park, inaugurado nos anos 60 do séc. XX, em Nova Iorque, instalam-se em pequenos ou pouco aptos lotes urbanos para criar jardins de proximidade para acesso público e, assim, beneficiam a comunidade local e ambiente urbano. As galerias de arte ao ar livre, como o Mural da Restauração, no Porto, são exemplos de pequenas estruturas que podem responder a questões funcionais, como o suporte de terras, por exemplo, promovem e dinamizam a arte em espaço público. Desta abordagem, o estudante lançou-se à criação de algumas imagens de tentativas de ilustração da aplicação daquelas propostas em espaço urbano. Como intenção última, indicou a decisiva intenção da criação de redes destas intervenções, muito espoletadas quer pelas viagens realizadas aquando da descoberta e referenciação espacial de cada um dos *aleijões*, quer pela sua classificação.



Figura 33 – Plantas de trabalho, Afonso Oliveira. 2022.
Fonte: Afonso Oliveira.

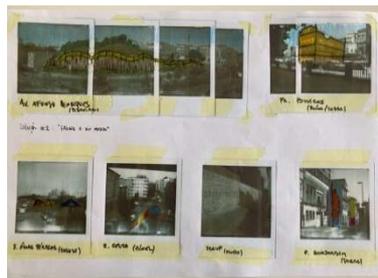


Figura 34 – Proposta de arte em espaço público, Afonso Oliveira. 2022.
Fonte: Afonso Oliveira.



Figura 35 – Propostas de Pocket Gardens, Afonso Oliveira. 2022.
Fonte: Afonso Oliveira.

Ora, a encerrar, importa destacar a importância do apoio da carta de Telles Ferreira para que, a fundar estas intervenções, ou exemplos de intervenções, haja um lastro no conhecimento da evolução da forma urbana. Por fim, a carta também deu suporte para estruturar as redes acima referidas numa lógica da promoção da divulgação do conhecimento da evolução da forma urbana. Tal lastro constituiu uma aposta na parceria entre arte e ciência como meio para caminhos artísticos potencialmente mais ricos.

Notas de encerramento

Dos resultados apresentados, julgamos ter deixado pistas de como a Cartografia Histórica pode ser importante no contexto na atividade criativa interdisciplinar e ser relevante como ferramenta de análise e inspiração. Este texto procurou destacar como o uso da Cartografia como base científica pode abrir vias de expressão subjetiva, no campo comum à Arte, Ciência e Técnica. Ao conjugar a análise espacial e temporal, a Cartografia Histórica oferece um alicerce sólido para investigações inter e transdisciplinares, procurando refletir sobre a evolução dos territórios e suas identidades. Combinação de métodos inovadores, como o *research-based learning* e práticas experimentais, demonstrou ser eficaz na criação de representações que cruzam fronteiras disciplinares.

Os projetos da UC *InovPed* “Representações, Desenhos e Imagens do Território” que apresentámos ilustram a amplitude das possibilidades de exploração criativa e evidenciaram a capacidade da Cartografia em alimentar narrativas que vão além do factual, tocando o simbólico e o interpretativo.

Num âmbito mais alargado, a utilização da Cartografia Histórica em diversas áreas da educação e da investigação, tentámos exemplificar, poderá promover abordagens únicas e transformadoras, valorizando a subjetividade e a criatividade enquanto componentes fundamentais na compreensão plural dos territórios ao longo do tempo.

Referências bibliográficas e *webgráficas* retiradas dos trabalhos dos estudantes

(além das que já constam nas imagens)

“A cidade através de metáforas: abordagens teóricas e experiências do espaço urbano teresinense”, de Erysson Faustino de Oliveira (2022-2023)

- Augé, M. (1994). *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus Editora.
- Calvino, I. (1972). *As cidades invisíveis*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- De Certeau, M. (2014). *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 7ª edição. Petrópolis: Vozes.
- Harvey, D. (1993). *A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Jacobs, J. (2011). *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- Koolhaas, R. (1997). *Delirious New York. A retroactive manifesto for Manhattan*. Itália: Monacelli Press.
- La Cecla, F. (2011). *Contra a arquitectura*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Lynch, K. (2014). *A Imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Lynch, K. (2009). *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70.

- Marshall, S. (2009). *Cities, design and evolution*. Londres: Routledge.
- Sennett, R. (2022). *Los usos del desorden. Identidad personal y vida urbana*. Madrid: Alianza Editorial.
- Sorkin, M. (1993). *Local Code: the constitution of a city at 42°N latitude*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

“A influência da cultura no território: o caminhar no Lubango”, de Daniel João (2023-2024)

- Azevedo, J.M. (2024). *A Colonização do Sudoeste Angolano - Do deserto do Namibe ao planalto da Huíla 1849-1900* [Tese de Doutoramento - Fundamentos de la Investigación Histórica]. Salamanca: Facultad de Geografía e Historia Universidad de Salamanca.

[disponível em: <http://hdl.handle.net/10366/125978>]

- Gehl, J. (2010). *Cities for People*. Washington: Island Press.
- Jacobs, J. (2011, 1.ª Ed. 1961). *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lerner, J. (2003). *Acupuntura Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Record

“Roots 0.2-0.4 MPa”, de Marta Marino (2022-2023)

- Clément, G. (2014). *Manifeste du tiers paysage*, Sens & Tonka

[disponível em: <http://www.biodiversiteetbati.fr/Files/Other/DocCompIGTBPU/F05-ManifesteTiersPaysageGClement.pdf>]

- Galimberti, U. (2006). "Se la tecnica uccide la natura". Texto online no website da Feltrinelli Editore

[disponível em: <https://www.feltrinellieditore.it/news/2006/08/28/umberto-galimberti-se-la-tecnica-uccide-la-natura-7182/>]

- Thorsten, K. & Fricke, W. (2010) "Toots pressure and a solute reflection coefficient close to unity exclude a purely apoplectic pathway of radial water transport in barley (*Hordeum vulgare*)", in *New Phytologist*, Volume 187, Issue 1, p. 159/170.

[disponível em: <https://nph.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1469-8137.2010.03240.x>]

“Representação temática e expressiva do espaço urbano da cidade de Maputo”, de Titos Moisés Pelembe (2018-2019) – acervo FBAUP

- Corrêa, A. (1989). *O espaço Urbano*. São Paulo: Editora Ática S.A.
- Gelabert, L. et. al. (2015). *Cartografia, topografia, convenciones gráficas e imagen digital*. 1ª. Edição. Madrid: Editora Cátedra.
- Instituto Nacional de Estatística (2019). *Recenseamento Geral da População e Habitação. (IV CENSO 2017)*.

[disponível em <http://www.ine.gov.mz>]

“O que você vê quando me vê? - Corpografar rios (In)visíveis através da aparição de Tuca Malungo no Porto”, de Rafael Alves Campos (2022-2023)

- Almeida, C.M. (1868). *Atlas do Império do Brazil*. Rio de Janeiro: Lithographia do Instituto Philomathico.

- Britto, F. D. de, & Jacques, P. B. (2008). “Cenografias e Corpografias Urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade”. In *Caderno Do PPG-AU - Paisagens Do Corpo. Número Especial*, 79–86.

[disponível em: <https://www.ptonline.com/articles/how-to-get-better-mfi-results>]

- Campos, R. A., & Santos, R. G. dos. (2021). “Caminhando sobre as águas invisíveis com(o) tigris. Corpografia errante sobre o Rio da Bulha e a negritude em Florianópolis SC”. In *Arquitextos* (Vol. 22, Issue N.259.14, pp. 1–17). *Vitruvius*.

[disponível em: <https://doi.org/ISSN-1809-6298>]

- Caridade, W. D. (2021). *Aparições e Homens Negros: masculinidades, racismo e a construção por meio do simbólico*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília - UNB.

- Freire, I. M. (2019). *Diário corpografias: aprenda a registrar suas memórias corporais*. Potlach Editora.

“Disputa: o corpo *citified* e a cidade corporizada”, de Margarida Silvestre (2019-2020)

- Grosz, E. (1992). “Bodies-Cities” in Colomina, B. *Sexuality & Space*. Princeton Architectural Press: New York.

- Oliveira, A. (2004). *As Vendedoras de Ilusões. Estudo sobre a prostituição, alterne e striptease*. Editorial Notícias: Lisboa.

- Vieira, J. (1892). *A prostituição no Porto*. Porto: Tipografia de José da Silva Mendonça

“Atlas do Arquipélago do Porto”, de Bárbara João Costa (2021-2022)

- Careri F. (2013, 1.ª Ed. 2002). *Walkscapes - O caminhar como prática estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili

- Vázquez, I.B. & Conceição, P. (Coord.) (2015). *‘Ilhas’ do Porto - Levantamento e Caracterização*. Porto: CITTA / Instituto da Construção / FEUP /CMP.

[disponível em: <https://www.domussocial.pt/files/uploads/cms/1623146207-UU5TLdvutz.pdf>]

“Cartografia de descontinuidades na malha urbana do Porto”, de Afonso Oliveira (2021-2022)

- Câmara Municipal do Porto (2021). *Regulamento do Plano Director Municipal do Porto*. Porto: CMP | DMU | DMPU | DMPOT.

[disponível em:

[https://portaldomunicpe.cm-](https://portaldomunicpe.cm-porto.pt/documents/20122/437751/Regulamento_altera%C3%A7%C3%A3o+por+adapta%C3%A7%C3%A3o.pdf)

[porto.pt/documents/20122/437751/Regulamento_altera%C3%A7%C3%A3o+por+adapta%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://portaldomunicpe.cm-porto.pt/documents/20122/437751/Regulamento_altera%C3%A7%C3%A3o+por+adapta%C3%A7%C3%A3o.pdf)
/ceef7c02-8625-2d07-1674-afc0c4c4aa4f?t=1642676889761]

- Cullen, G. (1996, 1.^a Ed. 1961). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.

Referências bibliográficas

Cardoso, V., Fernandes, M.G. e Rodrigues, C (Eds.) (2021) *Representações, Desenhos e Imagens do Território*. Porto: i2ADS. Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, CEGOT. Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, CITTA. Centro de Investigação do Território, Transportes e Ambiente. [disponível em: https://i2ads.up.pt/wp-content/uploads/2022/02/representacoes_desenhos_imagem_territorio_web.pdf]

Feitoza, S. e Silva, M. (2022). “O som como pincel e tinta: cartografias sonoras da periferia de Maceió”, in Costa, A.G. e Cintra, J.P. (Coord.) *Anais do IX Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica e IV Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*. Belo Horizonte: UFMG/IGC, pp. 105-118. [disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/assets/docs/CadernoResumo4SLBCH4SBCH.pdf>]

Fung, D. (2017). *Connected Curriculum for Higher Education*, UCL Press. [disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1qpw8nf>]

Guerra, A. E.; SANTOS, M. M. D. (2011). “O ‘Atlas do Império do Brasil’: uma proposta de definição dos limites do Brasil no século XIX”, in Fernandes, M.G. (Coord.) *Atas do IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: FLUP. [disponível em: <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/66.pdf>]

Oliveira, J. M. P. (2007, 1.^a Ed. 1973). *O espaço urbano do Porto – condições naturais e desenvolvimento*. Porto: Edições Afrontamento.

Santil et al., (2011) “Os Simpósios Luso-Brasileiros e as áreas de estudos em Cartografia Histórica”, in Fernandes, M.G. (Coord.) *Atas do IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: FLUP. [disponível em: <http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/66.pdf>]

Teixeira, Manuel C. (2018, 1.^a Ed. 1988). *Habitação Popular na Cidade Oitocentista. As Ilhas do Porto*. Porto: Edições Afrontamento.